

## IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PESQUISADOR

Valmaria Lemos da Costa Santos  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista Capes. E-mail: [nallaezeri@gmail.com](mailto:nallaezeri@gmail.com)

Maria das Dores Dutra Xavier  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista Capes. E-mail: [dorinhadx@gmail.com](mailto:dorinhadx@gmail.com)

RESUMO: Objetivamos discutir a importância do professor pesquisador antes, durante e após o ato de ensinar, no espaço-tempo-atual. Para tanto, temos como aporte teórico o pensamento de Freire (2006), quando este afirma que *ensinar exige pesquisa*, em seu livro “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”. Trata-se, portanto, de um trabalho teórico, mas que apresenta também aspectos empíricos por trazer à tona indícios de uma autoanálise, conforme experiências de formação acadêmica e docência das autoras e que poderão vir a servir de intermédio para a compreensão da necessidade da pesquisa no ensino. Percebemos com ele que a existência de um professor pesquisador, logo a pesquisa, é uma necessidade que precisa ser compreendida como parte do processo de ensinar.

Palavras-chave: Professor. Pesquisa. Ensino.

### INTRODUÇÃO

Foi a partir da pesquisa que o educador Paulo Freire pode entender o mundo vivido dos moradores da cidade de Angicos/RN e desenvolver o seu método de ensino. Curiosamente, durante esse processo, ele pode perceber os aspectos culturais, políticos e econômicos da localidade, ou seja, o cotidiano dos alunos, suas experiências, tornando-o um educador que soube reconhecer no educando a sua identidade cultural e a capacidade de aprender. Tal exemplo nos levou a pensar em um trabalho como este, cujo objetivo é discutir a importância do professor pesquisador antes, durante e após o ato de ensinar. Além disto, este trabalho se faz aqui presente mediante a necessidade de discussões como esta em solo educativo, haja vista a demanda da nova geração, a qual vive em um espaço-tempo-atual, marcado pela *cibercultura*<sup>1</sup>.

Existe, por conseguinte, uma preocupação das autoras com as práticas docentes assumidas na atualidade, mais especificamente as questões que permeiam a pesquisa, dentre elas a de que é um processo indispensável à formação e ao ofício docente, juntamente com o ensino e a extensão, para a consolidação de mudanças paradigmáticas e teóricas.

A ruptura nas escolas é necessária e para que ela aconteça é preciso ultrapassar a imobilização internalizada nos processos educacionais, causada por práticas corriqueiras e

---

<sup>1</sup> LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

arraigadas durante o tempo. De outro modo, é preciso que os professores assumam práticas contra-hegemônicas. A nosso ver a pesquisa é uma delas. Permanecer com o que está posto é se iludir com a realidade. Portanto, o professor tem de projetar-se (SARTRE, 1984), se assumir enquanto professor pesquisador, já que “o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo [...]” (p. 6).

Para tanto, apresentamos logo abaixo o referencial teórico-metodológico utilizado neste trabalho, dando ênfase as contribuições de Paulo Freire para a existência do professor pesquisador, capaz de buscar o novo, de tal maneira a tornar a sua formação um processo contínuo. Deste modo, é feito um convite para que saíamos da inércia para ir ao encontro de uma nova forma de ensinar e aprender a partir do uso da pesquisa.

## PROCEDIMENTO, RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente subitem é organizado com base num referencial teórico que busca instigar os leitores para a questão aqui tratada, o mesmo contém breves reflexões em torno da nossa vivência, enquanto discentes do Curso de Pedagogia, em que pudemos participar do Estágio Supervisionado I, II e III e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Ao longo da nossa formação acadêmica e experiências na docência ficou claro que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 2006, p. 29). Teoricamente a indissociabilidade fica evidente, porém, na prática não é fácil de acontecer, pois existem intempéries que tornam tal discurso um problema, dentre eles os aportes teóricos escolhidos e a prática da fragmentação do conhecimento perpetuada. Além destes fatores, podemos citar ainda, o caso da formação docente, que segundo Antônio Joaquim Severino precisa passar por reformulações, por não possibilitar a existência e permanência de um professor pesquisador. Para ele, “[...] *a postura investigativa não se faz presente ao longo do processo pedagógico de formação* (SEVERINO, 2007, p. 123, grifos nossos).

Sendo assim, reconhecemos as limitações existentes, que persistem, até mesmo em ambientes educativos formais, é o caso da universidade. Ideologicamente, no entanto, é apregoado para a sociedade que a universidade é um ambiente de pesquisa, ensino e extensão. Mas, será que tais aspectos estão a acontecer na práxis de forma a favorecer a construção do professor pesquisador para a vida? Ou, são apenas anúncios de uma realidade utópica necessária, ainda não existente em sua concretude?

Numa sociedade como a nossa é indispensável um profissional atento às mudanças, que seja capaz de entender as relações humanas e sua dinamicidade e que, por assim dizer, o conhecimento que é produzido a partir disto é desafiador, pois nem todos os professores têm a *consciência de seu inacabamento* (FREIRE, 2006). Dessa forma, imaginam serem os proprietários do conhecimento e não se assumem como “aventureiro[s]’ responsável[is], predisposto[s] à mudança, à aceitação do diferente” (FREIRE, 2006. p. 50). Nem tão pouco se assumem como *professor cientista* (TARDIF, 2010).

Durante palestra na 24<sup>a</sup> Assembleia Geral da Federação Internacional de Universidades Católicas, realizada em 2012, Mário Sergio Cortella relatou um pensamento do escritor João Guimarães Rosa que pode servir de reflexão neste trabalho: “o animal satisfeito dorme”. Entendemos que a satisfação é perigosa, leva ao repouso e não a inquietação. A dormência instala a sensação de que somos acabados e isto é uma ilusão, precisamos, enquanto professores, assumir a situação de profissionais *inacabados*, pois *não nascemos prontos* (CORTELLA, 2006). O ato de ensinar e aprender não podem ser resumidos a uma fotografia, “nada do que experimentei em minha atividade deve necessariamente repetir-se” (FREIRE, 2006, p. 50). A repetição é um erro que pode ser superado a partir da pesquisa, pois “pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (p. 29), nesse sentido, o professor deve está sempre disposto a aprender, ou seja, “mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende” (ROSA, 1994, p. 436).

Reconhecer tais aspectos e buscar a transformação é difícil, porque interfere diretamente na identidade docente e/ou profissional<sup>2</sup>. Nesse sentido, a instabilidade, decorrência da busca pelo novo, faz o professor recuar, por preferir a normalidade, aquilo que lhe é comum, sobretudo na *sociedade em rede* que vivemos (CASTELLS, 1999), informatizada, que possibilita o acesso rápido às buscas. De tal modo, perpetua as mesmas práticas, sem se aventurar no desconhecido, naquilo que é estranho. Dessa forma, atribui-se a defesa de sua identidade, marcada pela acomodação. Percebemos com isso que pôr em questão as práticas habituais é questionar sua identidade e, em especial, sua profissão.

O professor prisioneiro de suas práticas, não consegue progredir, nem tampouco desenvolver um bom trabalho. Dessa forma, se protegem daquilo que lhe é incomum (pesquisar), com hesitações, omissões, silêncios, adaptações e amadorismos. Tornam-se

---

<sup>2</sup> Tenhamos presente, também, como elemento que hipoteticamente desfavoreça a constituição de um professor pesquisador, a sua representação social sobre a pesquisa. Com base nisto, Andrade (2003, p. 127), nos informa que para alguns grupos de professores pesquisa e conhecimento não são associados. Sendo assim, a pesquisa é entendida “como mera metodologia para se obter informações, dissociada do processo de conhecer em si [...]”, embora, reconheçam serem partes do processo de ensino e aprendizagem.

impotentes perante outros meios que informam e comunicam (jornais, rádios, televisão, revistas, computador, internet), mais ainda, passam a serem sujeitos ausentes em sala de aula.

Sair da zona de conforto é imprescindível, já que, incomensuravelmente, o professor está sendo questionado pelas suas práticas e negligências. De modo grosseiro, é preciso pensar na demanda, ela anuncia um novo começo, marcado por novas exigências e que interfere imediatamente no ser e fazer docente.

Acreditamos que a sociedade que aí está, carece de profissionais preparados, com condições de exercer o seu ofício para além de interesses tecnocratas, mas que estejam atentos aos interesses dos *oprimidos*. Sendo assim, que buscam no conhecimento produzido formas de contestar a *realidade opressora*.

Não ser pesquisador é ser um conservador. Nesse sentido, é preciso que surjam possibilidades (tempo e espaços adequados) de se fazer pesquisa e que os professores saibam pesquisar, não sejam apenas consumidores e reprodutores desta ação, coadjuvantes da produção mercantilizada, mas rebeldes (FREIRE, 2006), resistentes a toda situação de domesticação.

Não se quer aqui assumir um discurso “pedagocídio” (CORTELLA, s.d., n.p.), porém adotar a “biopsia”. “A biopsia seria pegar aquilo que vivo está, examinar o que contém de problemas, para mantê-lo vivo” (CORTELLA, 2006, n.p.), ou seja, pensar no professor, discutir a sua realidade e torná-lo necessário, *não descartável* (ALVES, 2002).

Demo (2005) nos alerta que “[...] enquanto o Primeiro Mundo pesquisa, o Terceiro dá aula...” (p. 31). Modificar tal realidade é imprescindível, pois ao pesquisar o professor torna-se autônomo, capaz de produzir conhecimento, não apenas reproduzir segundo interesses da elite. Dessa forma, o profissional docente precisa colocar a pesquisa como *atitude cotidiana* (DEMO, 2002), isto é, a *práxis* (SARTRE, 2002) numa proposta de subversão a realidade imposta.

A apresentação desses aspectos, ainda que sucintos, nos levam a frisar a importância do professor pesquisador em sala de aula:

- o professor é capaz, através de investigações, de perceber aquilo que é significativo para o aluno e seu contexto<sup>3</sup>;
- a díade pesquisa-ensino resulta no aprimoramento de conhecimentos dos sujeitos envolvidos;
- favorece novos conhecimentos;

---

<sup>3</sup> No entanto, o que se observa nas escolas é a exposição de conteúdos, sem levar em conta a identidade cultural do aluno.

- promove a criatividade, estimula a autonomia e
- torna o sujeito (professor) situado e atualizado em relação às novidades que surgem no espaço-tempo-atual, prontamente, possibilita a *apreensão da realidade* (FREIRE, 2006);

Tais apontamentos explicitam, mais claramente, a necessidade da indissociabilidade pesquisa-ensino na prática docente. Resta saber se os professores serão capazes de assumir a postura de pesquisador, de modo a modificar suas percepções e ações, pois “professor é o ‘eterno aprendiz’, e só o será se souber pesquisar” (DEMO, 2005, p. 81). O próprio Referencial Curricular Nacional e os Parâmetros Curriculares Nacionais chamam a atenção destes profissionais para a introdução da pesquisa durante o planejamento de suas aulas, além das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, que preza como atividade docente a realização de pesquisas.

Ainda sobre isto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394/96, estabelece em seu capítulo IV, artigo 43, nos incisos III e IV, que o Ensino Superior tem como intento:

- incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive (Art. 43, III);
- promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação (Art. 43, IV).

Nesse sentido, os cursos superiores deverão pensar e trabalhar a dimensão da pesquisa durante a formação docente, a fim de suscitar no graduando o exercício ininterrupto da pesquisa, de tal modo, a possibilidade de ser um profissional diferenciado.

No entanto, “não basta, pois coletar conhecimento ou informação [...]. Pesquisa começa quando se questiona este material, desconstrói-se e reconstrói-se” (DEMO, 2005, p. 78), ou como diria Descartes (1984, p. 51) diante da realidade é necessário “[...] uma vez na vida, pôr todas as coisas em dúvida, tanto quanto se puder”. Nesse sentido, não basta pesquisar, é fundamental saber pesquisar com a ajuda do senso crítico, reconhecendo que sua aplicação interfere diretamente no educando e sua aprendizagem, ou seja, no processo educativo.

Ressaltamos que a pesquisa não é o único fator que favorece uma educação de qualidade. Existem, portanto, outros elementos que, em simbiose, tornam o ensino e a aprendizagem momentos prazerosos e significativos para a formação humana, é o caso da *críticidade, rigorosidade metódica, reflexão* sobre a prática e *comprometimento*, dentre outros fatores citados por Freire (2006).

As ideias aqui contidas, portanto, não são generalizantes ou universalizantes, devem passar por um momento de apreciação, na medida em que forem lidas, sobretudo, pelo fato de ser um pensamento formulado para o questionamento daqueles que atuam como docentes. Conscientes, de tal modo, não negamos a importância dessa discussão em ambientes educativos formais, no tocante a uma sociedade que é caracterizada pelo grande fluxo de informação e comunicação, provocado pelos meios de comunicação de massa, compreendidos aqui como usurpadores da função do professor, sem que com isto, desenvolvam um bom papel, o de formar para o engajamento<sup>4</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutindo a importância do professor pesquisador antes, durante e após o ato de ensinar, mesmo que sucintamente, pudemos perceber que esta atitude exige desapegos e práxis, fundamentais para que o profissional em questão saiba lidar com as situações problemas que cercam o período atual.

Aquilo que é estranho ao cotidiano do sujeito de início é refutado até ser aceito, após amplas mudanças de condutas. A pesquisa, portanto, quando assumida estabelece no meio diversos resultados, dentre eles, a construção de novos conhecimentos e a autonomia do ser, até então preso a concepções e práticas arraigadas e descontextualizadas.

Não se pode negar, o pensamento do educador Paulo Freire, assumido neste trabalho, é desafiador: *ensinar exige pesquisa*; de outro modo é cativante, por deixar nas entrelinhas que o professor é capaz de pesquisar, basta está consciente disto, se subverter e num movimento do *Ser Mais*<sup>5</sup>: criar, construir, estudar, discutir, descobrir, aprender, dialeticamente.

---

<sup>4</sup> Sobre engajamento, ver SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um humanismo. A Imaginação. Questão de Método**. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1984; e FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (p. 78-79).

<sup>5</sup> FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. O preparo do educador. In: BRANDÃO, C. R. (Org.) **O educador: vida e morte**. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

ANDRADE, Erika dos Reis Gusmão. **O fazer e o saber docente: a Representação Social do processo de ensino-aprendizagem**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

BRASIL. **Resolução CNE/CP 1/2006 - Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura**. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96**. Brasília: Ministério da Educação, 20 de dezembro de 1996.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Não nascemos prontos: provocações filosóficas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a educação. [n.p.]. In: **Revista Direcional Escolas**, edição 16, mai./2006. Entrevista concedida a Luiza Oliva.

\_\_\_\_\_. **Qual é o professor adequado para cada universidade?** [Palestra]. Fundação Educacional Inaciana, São Paulo, julho de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=litsGQFpJgY&index=2&list=FLF5MbxPLPL-C-CAF1lwHHXQ>. Acesso em 04 de março de 2014.

\_\_\_\_\_. **Formação docente: recusar o pedagogicídio**. [n.p.] [s.d.]. Disponível em: <http://www.lo.unisal.br/sistemas/professores/cidinha/arquivos/Forma%C3%A7%C3%A3o%20docente%20recusar%20o%20pedagogicidio%5B1%5D.pdf>. Acesso em 19 de maio de 2014.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. (Coleção Educação Contemporânea).

\_\_\_\_\_. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

DESCARTES, R. **Princípios da filosofia**. Tradução de Alberto Ferreira. 3. ed. Lisboa, Portugal: Guimarães e C<sup>a</sup> Editores, 1984. (Coleção Filosofia e Ensaios).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (O Mundo Hoje).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (Coleção Leitura).

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um humanismo. A Imaginação. Questão de Método**. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

SEVERINO, A. J. Formação docente: conhecimento científico e saberes dos professores. In: **Revista de Ciências Humanas e Artes, Àrius**, v. 13, n. 2, jul./dez. 2007.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Tradução de Francisco Pereira. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.